



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

## **REFLEXÕES ACERCA DA CONTRIBUIÇÃO DO ENSINO DE FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO PARA A ENFERMAGEM**

Bruno Neves da Silva<sup>(1)</sup>; Manoel Dionizio Neto<sup>(2)</sup>

(1) *Discente de enfermagem do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande. Cajazeiras (PB), Brasil. E-mail: ufcgbruno@gmail.com*

(2) *Doutor em Educação. Professor do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande. Cajazeiras (PB), Brasil. E-mail: dionizioneto@uol.com.br*

**Resumo:** A formação em saúde possui muita influência das ciências positivas, uma vez que no seu conjunto de saberes necessários à atuação profissional, exige-se conhecimentos científicos voltados para o funcionamento do aspecto humano biológico. Nesta perspectiva, pensando-se nessa formação ser conduzida de forma biologicista, objetivou-se com este trabalho refletir sobre como a filosofia da educação pode vir ao encontro desta, visto que as reflexões humanísticas que ela proporciona desenvolvem a parte sensível do indivíduo. O presente artigo analisou à luz das ideias de alguns filósofos de correntes distintas como questões referentes à autonomia e à ética dos profissionais de enfermagem podem ser analisadas por meio de reflexões filosóficas, de modo a contribuir para o estabelecimento da autonomia e da construção do senso crítico destes profissionais.

**Palavras-chave:** Filosofia da Educação, Enfermagem, Ética, Autonomia.

### **INTRODUÇÃO**

Trata-se aqui de um artigo teórico-reflexivo construído com base em discussões e reflexões filosóficas discutidas durante o curso da disciplina de Filosofia da Educação I, que compõe uma das disciplinas da grade do quinto período do curso de enfermagem do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande. Tem-se assim em vista pensar a importância da filosofia para a formação do enfermeiro, considerando os aspectos éticos e educacionais pelos quais passa esta formação.

Na formação acadêmica em cursos da área de saúde, é evidente a influência das ciências positivas (a exemplo da fisiologia) para a construção de conhecimentos necessários à prática profissional. A formação em enfermagem está incluída neste aspecto, visto que, nos semestres iniciais de cada curso, o ensino dessas ciências, que são comumente chamadas “disciplinas de base”, é necessário para promover o indispensável conhecimento da dinâmica do funcionamento do organismo humano.



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

Neste contexto, preocupa-se que ensino possa ser conduzido de forma a se entender o aspecto biológico do componente humano, de forma a deixar de lado o seu aspecto reflexivo e subjetivo. Talvez pautado nestes aspectos, a humanização em saúde, entendida como uma oferta de atendimento de qualidade a partir da articulação entre os avanços tecnológicos com acolhimento do usuário, com melhoria tanto dos ambientes destinados a receber os indivíduos quanto dos profissionais e de suas condições de trabalho (BRASIL, 2004), é amplamente discutida durante a formação do profissional, visando que este entenda e ofereça um atendimento que respeite toda a dimensão subjetiva individual de cada indivíduo a ser assistido.

A filosofia pode vir ao encontro da formação destes profissionais à medida que traz consigo reflexões humanísticas que podem fortalecer o reconhecimento da subjetividade do outro, ajudando a trabalhar a parte sensível do profissional, devendo permear a formação deste.

Depara-se, então, aqui com a questão o que: “O que é filosofia?”, questão esta que tem perdurado desde os primeiros filósofos até hoje. A definição que comumente é trabalhada desde o primeiro contato de um aluno com a filosofia, nas séries iniciais do ensino médio, é de que os filósofos são “amigos do conhecimento”. Pessoas que amam o saber. Para Karl Jaspers, essa é uma definição que demanda certa verdade, pois o filósofo não é aquele que possui o conhecimento; mas sim, aquele que o ama (JASPERS, 1972). Entretanto, definir filosofia não é uma questão que possa ser explorada de maneira superficial, mesmo sendo a questão de ser a filosofia uma questão que surge sempre que ela é abordada, e mesmo que algumas pessoas tentem negar a sua existência, estas próprias já estão, de algum modo, definindo-a e se aproximando dela, que surge com a capacidade que o ser humano tem de compreender o mundo a partir da sua reflexão, sendo esta última, definida como o retorno de todo pensamento sobre ele mesmo (DIONIZIO NETO, 2010).

Neste sentido, cabe citar as observações feitas por Moacir Gadotti, ao procurar explicitar o significado da Filosofia da educação:

Filosofia da educação não estabelece métodos ou técnicas de educação; não visa fornecer os meios de educação. Ela se ocupa ainda menos da análise do comportamento ou de relações entre pais e filhos. Seu objetivo não é a pedagogia nem a sociologia ou a psicologia da criança ou do adulto. A filosofia, como reflexão radical sobre todos os domínios da existência humana, coloca, primeiro, no que concerne à educação, estas questões fundamentais: o homem necessita ser educado? Pode ser educado? O que é a educação? A educação pode ser instrumento de libertação do homem? Finalmente, a educação não é nociva e



# III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

perigosa ou é ela o meio arrancado aos deuses para permitir ao homem o ato de existir? (GADOTTI *apud* DIONIZIO NETO, 2010, p. 31)

As funções da filosofia da educação podem ser amplamente discutidas e incorporam desde a investigação dos problemas do conhecimento do mundo e do homem, incluindo sua ação e seu discurso, da origem e do destino da vida e dos processos culturais, até os aspectos epistemológicos e pedagógicos da educação escolar (PAVIANI, 1988).

De acordo com Horta (1979), faz-se necessário que a enfermagem não dispense uma filosofia unificada que lhe dê segurança ao oferecer bases para o seu desenvolvimento, visto que nenhuma ciência pode sobreviver sem filosofia própria. Neste contexto, de acordo com Paviani (1988), visto a filosofia da educação questionar o ser humano situado de forma concreta no tempo e no espaço a partir de uma reflexão radical e global; e visto que atender as necessidades humanas básicas do homem, além de diversas outras atribuições envolvidas, é função da enfermagem, uma articulação filosofia da educação-enfermagem se faz importante, pois a primeira pode oferecer os subsídios necessários para que a filosofia unificada da enfermagem possa se estabelecer.

Além do mais, outras questões envolvendo o processo de trabalho em enfermagem, podem ser levantadas e refletidas a uma luz filosófica, a exemplo das questões éticas relacionadas a práxis do enfermeiro, à autonomia profissional e à humanização da assistência.

Tendo-se por base o que foi discutido acima, as reflexões aqui presentes justificam-se como necessárias à medida que podem contribuir para conduzir a formação em saúde, situando-se particularmente no contexto da enfermagem, de forma mais reflexiva, propiciando aos sujeitos questionamentos necessários ao seu saber e saber-fazer a partir da conjunção entre a filosofia da educação e questões da práxis do enfermeiro. Objetivou-se refletir como leituras filosóficas podem ajudar os discentes de enfermagem compreender e, quiçá, buscar soluções para problemas e dissabores presentes na atuação profissional.

## **METODOLOGIA**

Artigo teórico-reflexivo construído tomando-se por base a leitura crítica e a interpretação de textos de filósofos de diversas correntes, discutidos no decorrer da disciplina Filosofia da Educação I, componente da grade curricular do curso de bacharelado em Enfermagem do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande.

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

[www.conedu.com.br](http://www.conedu.com.br)



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
**E D U C A Ç Ã O**

O percurso metodológico incluiu, primeiramente, um levantamento de textos teóricos de filósofos de diversas correntes, considerados relevantes às discussões propostas. Posteriormente os textos foram lidos e debatidos criticamente, tendo suas reflexões analisadas à luz do contexto da enfermagem, conhecido a partir das vivências e conhecimentos adquiridos durante o decorrer da graduação.

Para a construção das reflexões presentes foram lidos e debatidos textos dos seguintes filósofos: Adolfo Sánchez Vázquez, Immanuel Kant, Jayme Paviani, Karl Jaspers, Manuel Dionizio Neto, Marilena Chaui, Paulo Freire e Theodor Ludwig Wiesengrund Adorno. Após a leitura, procurou-se aplicar as reflexões filosóficas ao contexto da enfermagem.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

No contexto do trabalho da enfermagem existe uma forte relação de subordinação profissional. Seja dentro da própria equipe de enfermagem, onde é dever do enfermeiro, durante a aplicação do processo de enfermagem, prescrever cuidados e delegá-los aos demais integrantes da equipe (técnicos e auxiliares de enfermagem), seja na responsabilidade profissional que este tem em supervisionar os demais profissionais da equipe, ou mesmo na própria relação médico-enfermeiro, onde o profissional de enfermagem executa diversas ações prescritas pelo profissional médico.

De acordo com Marques e Lima (2008), tanto em ambiente hospitalar quanto no de saúde pública, há uma autonomia relativa na profissão da enfermagem, onde esta (e as demais) é moldada e conduzida pelo trabalho médico, o que acaba gerando um trabalho esvaziado de cientificidade, que aliena o trabalhador ao longo do tempo e retira a ênfase das demandas dos indivíduos necessitantes de assistência e coloca-a nas demandas do médico.

Tendo e vista essas relações entre os trabalhadores de saúde, é amplamente discutida esta autonomia profissional do enfermeiro, que, muitas vezes, passa a ser visto como um mero executor de ações de terceiros: sejam os profissionais de enfermagem submetidos à supervisão do enfermeiro, seja ações de enfermagem prescritas pelos médicos. Nesta perspectiva, pode ocorrer a formação de profissionais predominantemente práticos, que executam tarefas sem antes refletir, tanto sobre sua relação de subordinação, quanto sobre o que irá executar.



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

Sobre estes profissionais práticos, que se preocupam excessivamente com a execução de técnicas de acordo com a ordem de terceiros, sem se questionar por que executar, Adorno (2010), associa a um “véu tecnológico”, onde os homens inclinam-se a considerar a técnica como um fim em si mesmo e passam a executá-la sem se importar com o que acarretaria. Acaba ocorrendo uma “fetichização da técnica”, onde esta é executada apenas pelo sentimento de realização de um trabalho que deu certo (ADORNO, 2010). Neste sentido, o conhecimento acerca destes assuntos pode esclarecer para o discente que o foco da assistência está no indivíduo e não no trabalho que irá executar.

Em um artigo intitulado “Resposta à pergunta: ‘Que é Esclarecimento?’” (*Aufklärung*), Kant aborda a questão da menoridade que, para ele, seria a “incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo” (KANT, 2005, p. 64). Tomando essa definição como referencial, podemos pensar que, nessas relações de subordinação descritas acima, onde há aqueles que executam suas ações a partir da ordem de terceiros sem questioná-las em nenhum momento, os profissionais podem estar vivendo essa menoridade que, segundo Kant, é culpa do próprio indivíduo.

Kant traz ainda a compreensão de que para um indivíduo sair de sua menoridade é necessário o Esclarecimento (termo que mais se aproxima da tradução da palavra alemã *Aufklärung*), cujo o lema é ter a coragem necessária de fazer uso do seu próprio entendimento, agir conforme suas convicções, sem a direção de outra pessoa (KANT, 2005).

Neste sentido, pensa-se em uma saída para a autonomia profissional em cima da práxis do processo de trabalho em enfermagem a partir do ponto de vista do esclarecimento kantiano. A partir do conceito de esclarecimento (*Aufklärung*), a execução do trabalho em enfermagem poderia tanto ser conduzido de forma menos tecnicista, pois haveria uma reflexão acerca do que se iria executar, como poderia contribuir para uma maior autonomia profissional à medida que os profissionais entendessem e procurassem praticar o “*sapere aude*”, evitando depender tanto de comandos de outros profissionais, na medida que possível, e desde que não seja confrontada a legislação profissional que rege as competências de cada componente da equipe de saúde.

Ressaltamos que não é nosso objetivo questionar as relações interdisciplinares que devem e se fazem de extrema importância no cuidado a um indivíduo durante o seu processo saúde-doença, e sim tentar diminuir uma relação de dependência que se traduz em



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

subordinação absoluta, quando um passa a depender do outro para executar tarefas que ambos têm conhecimentos para executar de forma autônoma.

Ainda situado neste contexto de esclarecimento kantiano, suas discussões se valem ainda, de forma preciosa, para estudantes, principalmente da graduação, que devem estar situados e devem intervir no contexto político-social no qual estão inseridos, principalmente em tempos de crises de valores. Considera-se o seguinte trecho:

Para este esclarecimento [*Aufklärung*], porém, nada mais se exige senão *liberdade*. E a mais inofensiva entre tudo aquilo que se possa chamar liberdade, a saber: a de fazer um *uso público* de sua razão em todas as questões. Ouço, agora, porém, exclamar de todos os lados: *não raciocineis!* O oficial diz: não raciocineis, mas exercitai-vos! O financista exclama: não raciocineis, mas pagai! O sacerdote proclama: não raciocineis, mas crede! (Um único senhor no mundo diz: *raciocinai*, tanto quanto quiserdes, e sobre o que quiserdes, mas obedecei!) Eis aqui por toda parte a limitação da liberdade. (KANT, 2005, p. 65 – grifo do autor).

Na passagem acima evidencia-se uma discussão importante que deve ser conduzida aos estudantes de maneira geral, para que estes possam “pensar fora da caixinha”, ou seja, questionar as imposições das pessoas sobre eles, sem, entretanto, não questionar apenas por questionar e por fim obedecer, mas questionar de forma a arquitetar uma reflexão crítica acerca do que muitas vezes pode ser menoridade que, assim, reagir a estas imposições com ações pautadas numa reflexão construída pelo próprio indivíduo de forma que este passe a ter subsídios para criticar e transformar a realidade à sua volta.

Este contexto acima pode ainda ser refletido a partir de concepções freirianas. Segundo Freire (1996), superar a educação bancária quando esta se apresenta como um entrave, pautado na “rebeldia” (que estimula a curiosidade e a capacidade do aluno de se arriscar e se aventurar), imuniza o educando contra o poder apassivador da forma bancária de educar. Este “bancarismo”, por sua vez, pode ser uma prática que mantenha os discentes alheios à realidade a qual os rodeia. A partir do momento que os discentes identifiquem esta prática e passem a confrontá-la, sua formação pode ser conduzida de forma a construir sua autonomia, e assim poder erguer-se como um profissional crítico e dotado de subsídios para estabelecer-se como autônomo e capaz de realizar transformações na realidade que o rodeia.

Ainda com relação à autonomia profissional, de acordo com o autor supracitado, sobre toda prática deve-se existir uma reflexão crítica, pois, do contrário, ocorrendo uma separação na relação entre esta e a teoria, a prática pode tornar-se ativismo e a teoria puro “blábláblá” (FREIRE, 1996, p. 22).



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

Além de questões referentes à autonomia profissional, a filosofia da educação pode trazer discussões construtivas no que diz respeito à ética, que deve ser, indispensavelmente, discutida na formação de qualquer estudante, sobretudo para os do ensino superior.

O termo ética vem do grego “ethos”, que significa caráter, hábito, modo de ser, índole, e pode ser definida, segundo Vázquez (1982), como um conjunto sistemático de conhecimentos objetivos e racionais no tocante ao comportamento moral dos homens.

Já o termo moral, deriva do latim “mores”, aquilo que é relativo aos costumes. Para Vázquez, a moral está relacionada ao conjunto de regras que se adquirem por hábito, se referindo, assim, ao modo de ser adquirido pelo homem, constituindo, pela definição de ética enquanto ciência, o seu objeto de estudo (VÁZQUEZ, 1982).

As discussões sobre ética devem permear a formação universitária. Entretanto, é sabido, de forma empírica, que as disciplinas de ética estão geralmente associadas à legislação que rege uma profissão, e acaba acontecendo que, ao invés das disciplinas realizarem reflexões filosóficas acerca da ética em si, as disciplinas discutem a chamada “ética profissional”, se detendo a estudar leis, resoluções e código de ética profissional da profissão em questão.

Ademais, tratando-se a enfermagem como uma profissão atuante em todas as etapas da vida humana – do nascimento até a morte e o morrer – várias ações estão impregnadas de questões éticas, a exemplo da questão da eutanásia, do aborto e de pesquisa com seres humanos, discussões que acabam sendo também levantadas, enquanto as discussões acerca da ética de cunho filosófico são deixadas de lado.

Neste contexto, a palavra ética é constantemente utilizada em discussões acerca de diversas temáticas, sem, entretanto, ser levada em consideração o seu sentido filosófico, quando o discente discute sobre a ética sem compreender o seu real significado. Um bom exemplo se encontra no Código de Ética dos Profissionais de Enfermagem, fundamentado a partir da Resolução 311/2007 do Conselho Federal de Enfermagem que está organizado através de diversos assuntos e engloba direitos e deveres, responsabilidades e proibições adequadas à conduta ética dos profissionais de enfermagem. Neste caso, a ética é vista como uma forma de normatizar o comportamento humano.

Entretanto, para Vázquez (1982), a ética possui uma função semelhante a qualquer teoria que é fundamental: explicar, esclarecer ou



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

investigar uma realidade em questão e elaborar conceitos correspondentes. Sendo assim, não é objetivo da ética julgar ações ou punir indivíduos quando estes não obedecem padrões previamente adotados, ficando esse fim para as legislações (o que é, em parte, abordado no código de ética da enfermagem, anteriormente referido). Assim, o que se tem como ética, hoje, se associa muito ao que se teve como ética no passado, porém diferenciando-se, como vemos, em seus fins. O código de ética a que nos referimos aqui é exemplo dessa aproximação, por se tratar de normatização, mas é ao mesmo tempo exemplo de distanciamento em relação à ética propriamente dita, seja ela compreendida como ética das virtudes ou simplesmente como normativa. Neste sentido, é conveniente citar o seguinte trecho da obra de Vázquez em que ele se refere a essas éticas como *tradicionais*:

Certamente, muitas éticas tradicionais partem da ideia de que a missão do teórico, neste campo, é dizer aos homens o que devem fazer, ditando-lhes as normas ou princípios pelos quais pautar seu comportamento. O ético transforma-se assim numa espécie de legislador do comportamento moral dos indivíduos ou da comunidade. (VÁZQUEZ, 1982, p. 10)

Apesar de o filósofo não se referir ao que vem acontecendo hoje, nos cursos de graduação (no que diz respeito ao estudo da ética como legislação e não como filosofia), este trecho reflete a ética normativa ditadora do que se pode ou não fazer, que caminhou de forma a ser percebida hoje, em muitos casos, como códigos de leis, tendo sua questão ignorada e agora entendida como jurisdição ou legislação que não é. Todavia há de se compreender aqui, mesmo aproximação entre ética normativa e ética profissional, uma notória diferença: em qualquer caso, não se pode pensar em termos coercitivos quando se fala de ética, diferentemente do que se pensa quando se fala de ética profissional que tem por fim punições conforme seja o descobrimento daquilo que é previamente estabelecido para normatizar o comportamento do profissional de uma ou outra área de atuação, sendo exemplo disto o enfermeiro. É justamente esta ética que julga, que pune, como toda legislação, que tem sido confundida pura e simplesmente com a ética.

Ainda no tocante à questão ética, Marilena Chaui traz que o campo da ética é constituído pelo agente moral, que constitui a pessoa que é consciente de si e possui vontade, responsabilidade e liberdade, pelas virtudes éticas ou valores morais, que expressam o modo como o bem e o mal, o crime e a virtude, a violência e o mérito, dentre outros aspectos, são julgados por uma cultura e por uma sociedade e seus meios morais, os quais são os caminhos pelos quais o sujeito irá realizar os seus fins (CHAUI, 2010).





**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

A partir daí, podemos, no contexto da enfermagem, conduzir várias discussões, tomando como base as virtudes éticas, ou valores morais. Inúmeros exemplos da atuação do enfermeiro que implicam questões que podem ser refletidas à luz do campo ético podem ser citados: um deles, seria prestar assistência de enfermagem em um procedimento de aborto induzido, quando, mesmo em um caso legal, o profissional de enfermagem poderia vivenciar um dilema no momento em que teria de prestar seu serviço mesmo que possuísse convicções pessoais contrárias à prática, que, em sua cultura pessoal, pode ser considerada como criminosa. Com outras palavras, o enfermeiro, conduzindo-se por sua autonomia, no modo referido anteriormente por Kant, poderia se portar eticamente, segundo princípios que estejam no âmbito do seu esclarecimento e não porque a legislação diz sim ou não.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Dadas as discussões levantadas no decorrer deste trabalho, ficam registradas algumas reflexões no âmbito do processo de trabalho em enfermagem que podem ser analisadas e criticadas a partir de uma perspectiva filosófica, que pode ser tomada como uma forma de compreender estes problemas sob uma outra dimensão reflexiva, para que assim, possa-se pensar em maneiras de superar tais dissabores encontrados na profissão.

As questões relacionadas à ética profissional do enfermeiro devem ser discutidas levando-se em consideração não apenas aspectos legislativos, pois uma abordagem filosófica desta pode propiciar nos discentes um senso crítico que pode ser capaz de gerar posturas de desconstrução de paradigmas presentes na profissão. A autonomia profissional também analisada à luz da filosofia, pode fazer com que o profissional de enfermagem, questione suas relações e repense seus atos de subordinação buscando atingir autossuficiência e, conseqüentemente, proporcionando uma assistência de qualidade ao indivíduo, à família ou à comunidade.

Ademais, faz-se importante ressaltar que, no seu processo de formação, o enfermeiro, assim como qualquer outro profissional, deve estar situado na realidade que o cerca, para que assim possa tornar-se um profissional capaz de atuar como um agente transformador desta nos mais diversos aspectos, e, neste sentido, a filosofia da educação disciplina que tem por fim o despertar da criticidade é fundamental para se fazer desenvolver a construção de um senso crítico, fazendo do profissional da saúde, na condição de enfermeiro, um ser humano esclarecido, capaz de se portar segundo princípios bem



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
**E D U C A Ç Ã O**

delineados, e não por se fazer obediente às imposturas de uma direção superior, chefe ou patrão.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Política Nacional de Humanização**. Disponível em <[http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/humanizausus\\_2004.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/humanizausus_2004.pdf)>. Acesso em: 12 jun. 2016.

CHAUI, Marilena. **Convite à filosofia**. 14. ed. São Paulo: Ática, 2010.

DIONIZIO NETO, Manoel. **Questões para a Filosofia da Educação**. Campina Grande: EdUFCG, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HORTA, Wanda de Aguiar. **Processo de Enfermagem**. São Paulo: EPU, 1979.

JASPERS, Karl. **Iniciação filosófica**. Tradução de Manuela Pinto dos Santos. Lisboa: Guimarães Editores, 1972.

KANT, Immanuel. **Textos Seletos**. Tradução por Floriano de Sousa Fernandes 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2005. (Coleção Textos Filosóficos).

MARQUES, G.S.; LIMA, M.A.D.S. Organização tecnológica do trabalho em um pronto atendimento e a autonomia do trabalhador de enfermagem. **Rev Esc Enferm USP**. v. 42, n. 1, p. 41-7, 2008.

PAVIANI, Jayme. **Problemas de Filosofia da Educação: o cultural, o político, o ético na escola, o pedagógico, o epistemológico no ensino**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1988.

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

[www.conedu.com.br](http://www.conedu.com.br)



**III CONEDU**  
CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. **Ética**. Tradução por João Dell'Anna. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.